



## EDUCAÇÃO NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA: O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LUTA MARAJOARA NO CONTEXTO DA FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO SEBASTIÃO DE CACHOEIRA DO ARARI

### EDUCATION IN THE HEART OF THE AMAZON: THE TEACHING AND LEARNING OF MARAJOARA WRESTLING IN THE CONTEXT OF THE FESTIVAL OF THE GLORIOUS SAINT SEBASTIAN OF CACHOEIRA DO ARARI

Welison Alan Gonçalves Andrade  

Universidade do Estado do Pará (UFPA)

Nazaré Cristina Carvalho  

Universidade do Estado do Pará (UFPA)

**Resumo:** A pesquisa objetivou compreender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem da Luta Marajoara no contexto de uma festividade em honra a São Sebastião realizada em Cachoeira do Arari, município situado na Ilha de Marajó, Norte do Brasil. Em termos metodológicos, adotou-se a abordagem qualitativa e a Etnometodologia como método. Para a reunião dos dados, foi realizada observação participante e aplicação de entrevistas semiestruturadas com lutadores cachoeirenses. Os resultados permitiram inferir que o ensinar e o aprender da Luta Marajoara é um processo contínuo, que se constroi nos diferentes ambientes onde essa luta corporal se manifesta. Nesses lugares diversos, que incluem o contexto da festividade, a Luta Marajoara pode ser aprendida e ensinada por meio de uma “educação da atenção”, um processo que ocorre quando um lutador experiente mostra um saber da luta ao lutador iniciante para que ele possa olhar, ouvir, imitar e, assim, aprender.

**Palavras-chave:** Luta Marajoara; São Sebastião; Cachoeira do Arari.

**Abstract:** *The research aimed to understand how the teaching and learning process of Marajoara Wrestling takes place in the context of a festivity in honor of São Sebastião, held in Cachoeira do Arari, a municipality located on Marajó Island in northern Brazil. Methodologically, a qualitative approach was adopted, with Ethnomethodology as the guiding method. To collect data, participant observations were conducted, along with semi-structured interviews with local fighters from Cachoeira. The results suggest that the teaching and learning of Marajoara Wrestling is a continuous process, built in the various environments where this form of wrestling manifests. In these different spaces, including the festival context, Marajoara Wrestling can be learned and taught through an “education of attention”, a process in which an experienced wrestler demonstrates a particular fighting skill to a beginner, allowing them to observe, listen, imitate, and thus learn.*

**Keywords:** Marajoara Wrestling. Saint Sebastian. Cachoeira do Arari.

## INTRODUÇÃO

É no cenário telúrico da Amazônia que esta pesquisa<sup>1</sup> desponta, um lugar envolto em lendas, superstições, mitos, tradição oral, bichos selvagens e festas populares, sendo esta última parte notável da fortuna cultural da região. Na Amazônia brasileira, em particular, diversas são as festas populares em que o povo expressa sua fé e sua força, a exemplo do Círio de Nazaré, considerada com orgulho por muitos paraenses como “a maior festa religiosa do Brasil” ou “um dos maiores eventos religiosos do mundo” (Henrique; Linhares, 2019, p. 402).

Povo amazônida e povo festeiro pode ser considerado sinônimo, pois motivos, pessoas, entidades e circunstâncias não faltam para festejar por aqui. O que diferencia as festas amazônicas? Talvez as saborosas e inesquecíveis experiências gastronômicas; os lugares onde festejamos, por vezes, próximo ao verde da floresta, à margem dos rios; a oportunidade de vivenciar manifestações culturais tradicionais, coletivas e potencialmente lúdicas; a intensidade da fé, devoção, imaginação, alegria e “sem vergonhice” do povo. Talvez uma “caldeirada” disso tudo e mais uma “pitada” de outras coisas.

Mas, não é somente na Amazônia brasileira que o ato de festejar é popular. De norte a sul do Brasil, Cavalcanti (2013) assegura que são realizadas festas rurais, festas urbanas, festas cívicas, festas tradicionais, que se expressam em pequenas, médias, grandes ou gigantescas comemorações, cerimônias, concursos, cortejos, torneios, festejos sagrados e profanos, que não nos permite esquecer que o “país do carnaval” é também o das festas em geral. O povo brasileiro é um dos mais festeiros do mundo, não à toa costumamos dizer, segundo o referido autor, ter o “maior São João do Mundo”, a “maior parada gay do mundo”, a “maior romaria do mundo” e o “maior carnaval do mundo”. Temos um calendário repleto de distintas festas, talvez, em razão disso, o festejar brasileiro tem sido alvo de interesse de múltiplas pesquisas desenvolvidas no campo das Ciências Humanas.

Nesta pesquisa, também nos interessamos pelo festejar brasileiro, em particular pelo festejar no coração da Amazônia<sup>2</sup>. Para tanto, buscamos compreender a festa enquanto fenômeno cultural. Com base no antropólogo Geertz (2008, p. 212), podemos conceber a

---

<sup>1</sup> O artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Saberes e diversão, educação e devoção: a Luta na do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.

<sup>2</sup> De acordo com o historiador marajoara Pacheco (2009), “*El Corazón de la Amazonia*” foi uma metáfora elaborada pelos agostinianos para falar da importância da Ilha de Marajó à região amazônica. A ilha é o músculo cardíaco que desempenha as funções de bomba aspirante e “impelente”, já que introduz nas profundidades do oceano Atlântico as águas barrentas.

cultura como um “texto” que pode ser lido e interpretado por meio dos símbolos (temporários) que o compõem, isso porque os seres humanos não apenas agem no mundo, mas também dão significado às suas ações por meio do uso de símbolos.

Os bens simbólicos de uma festa permitem que ela seja considerada um espaço privilegiado de educação, concepção amplamente defendida em recentes pesquisas (Baker; Carvalho, 2020; Silva; Carvalho, 2021), isso porque os símbolos desempenham um papel fundamental na educação das pessoas, ou como nos diz Geertz (2008, p. 66), por meio dos símbolos as pessoas se “comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”.

A festa enquanto lugar de educação não seria, portanto, um espaço de alienação, ideia que costuma impregnar o ato de festejar, com ênfase para o festejar brasileiro (Amaral, 1998), mas sim uma das inúmeras “escolas do povo”, nos termos de Ribeiro Júnior (1982), concepção que se coaduna com o que nos diz Brandão (2007), quando afirma que a educação está em tudo, em todo lugar e ninguém pode escapar. Em casa, na rua, igreja ou escola, o referido autor alega que misturamos a vida com a educação, seja para aprender, para ensinar ou para aprender e ensinar, seja para saber, para fazer, para ser ou para conviver, havendo assim não uma educação, mas múltiplas “educações”.

Além disso, a festa é, notadamente, um ato coletivo, ou como nos diz Tedesco e Rossetto (2007), festa é um momento de situações relacionais, grupais e comunitárias, ou ainda como expressa Duvignaud (1983, p. 71): “festa é um período peculiar, apesar de inteiramente integrado à sociedade, período no qual a vida coletiva é extremamente intensa”. Em razão disso, a festa se consolida como espaço de educação, posto que, em consonância com Brandão (2007), o saber flui a partir da vida coletiva, da convivência com as outras pessoas, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não sabe-e-aprende.

Em termos históricos, podemos dizer que, antes mesmo do processo de colonização, o ato de festejar já existia no Brasil entre os indígenas, que comemoravam suas vitórias guerreiras em torno de uma fogueira, por vezes deglutindo os inimigos vencidos (Ferreira, 2013). Comemorações que se somaram ao modelo de festa que os colonizadores portugueses implantaram no país (Amaral, 1998), incluindo tradições católicas europeias, como a veneração a santos e celebrações em sua honra.

Na contemporaneidade, muitas cidades continuam a celebrar, com muita pompa, os mesmos santos reverenciados pelos colonizadores, isto é, as festas de santo se tornaram parte integrante da cultura brasileira. Para a realização de tais festas são necessários fogos, muita comida, procissões, cantos e danças (Brandão, 2010), elementos festivos que ganham características próprias em cada região.

No coração da Amazônia, as festas de santo, junto às festas de aparelhagem, estão entre as mais recorrentes e populares. De acordo com Boulhosa (2016), a religiosidade, com predomínio do catolicismo, é notável na vida do povo marajoara, e entre as festas de santo mais prestigiadas na região estão aquelas em homenagem a São Sebastião, reconhecidas como Patrimônio Cultural do Brasil<sup>3</sup>.

No dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foram registradas 45 festividades em honra a esse santo, que possuem características que as tornam únicas em seus contextos (Barros; Pantoja, 2010). Cada localidade de Marajó que realiza festa para o “Glorioso São Sebastião”, como também é chamado pela população local, possui suas especificidades com variações das comissões, representantes, responsáveis e calendários (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018). Entre as celebrações de maiores proporções, que envolvem um complexo estrutural com diversos setores da economia e cultura, como município, igreja, associações locais e outras instâncias, está a festividade de Cachoeira do Arari (Barros; Pantoja, 2010).

O ciclo da Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari, inicia-se nos primeiros meses do ano, com um período de peregrinação da imagem do santo, junto a uma comissão de devotos que percorre diferentes regiões da Ilha de Marajó e só termina para dar início a festividade. Simultâneo a essa peregrinação, no dia 15 de novembro, os cachoeirenses se reúnem em uma fazenda da região para cortar os mastros da festa (Andrade; Carvalho, 2024). Após o corte, em uma segunda-feira posterior ao terceiro domingo de dezembro, os mastros são carregados para a casa dos juízes da festividade, conhecidos como “festeiros” e “padrinhos dos mastros” (Boulhosa, 2016), que devem prepará-los para encontrar com a imagem do santo no dia 10 de janeiro, dando início a festividade.

Do dia 10 ao dia 20 de janeiro, a festa cachoeirense de São Sebastião conta com uma extensa programação composta por atividades religiosas e culturais, como procissões, missas,

---

<sup>3</sup> Em 2013, os festejos do Glorioso São Sebastião de Marajó receberam o título de Patrimônio Cultural do Brasil, conferido pelo IPHAN, sendo, portanto, reconhecidos como elementos culturais importantes que devem ser protegidos para as gerações futuras.

corrida de cavalo, festas de barracão e bingos. Entre as atividades culturais, podemos encontrar a prática da tradicional luta da Ilha de Marajó, a Luta Marajoara, a qual pode ser prestigiada no primeiro dia de festa, dia 10 de janeiro, ao final do cortejo dos mastros, e em um torneio específico realizado no dia 20 de janeiro, último dia de festa, dia de celebrar São Sebastião no calendário litúrgico da Igreja Católica.

Também conhecida como “agarrada”, “cabeçada”, “engatada”, “derrubada”, “lambuzada” ou simplesmente “marajoara”, a Luta Marajoara, assim como outras lutas, é permeada por múltiplos saberes, os quais estão imbricados a aspectos técnicos, históricos e culturais. Estamos nos referindo a um dos principais patrimônios culturais do povo marajoara, com um poder capaz de atrair os olhares do mundo, como fez nos eventos de abrangência internacional do *Ultimate Fighting Championship* (UFC), quando os lutadores Iuri Marajó e Deivison Figueiredo, o “Deus da Guerra” foram reconhecidos como praticantes da luta (Santos; Andrade; Freitas, 2023).

Declarada Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará<sup>4</sup>, a Luta Marajoara tem nas fazendas, quilombos, festas populares e praias, seus espaços mais tradicionais de prática. São nesses contextos socioculturais e naturais que seus saberes vêm sendo repassados de geração em geração há mais de um século, conforme sugere Salles (2004), quando discorre acerca dos primórdios da Cabanagem e acena para a Luta Marajoara como uma luta praticada por vaqueiros, negros e mulatos nos campos da Ilha de Marajó.

Nessa perspectiva, entendendo as festas populares como espaço privilegiado de educação e a Luta Marajoara como prática presente no contexto da festividade cachoeirense de São Sebastião, elaboramos para esta pesquisa a seguinte questão: como ocorre o processo de ensino e aprendizagem da Luta Marajoara no âmbito desta festividade? A partir dessa questão, definimos como objetivo compreender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem da Luta Marajoara no contexto da Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari.

## **INVESTIGAR A LUTA MARAJOARA EXIGE ATRAVESSAR O RIO**

---

<sup>4</sup> Em 2022, a Luta Marajoara foi declarada Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará pela Assembleia Legislativa do Pará, mediante a aprovação do projeto de lei nº 6/2021.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa que, por sua vez, permite compreender profunda e detalhadamente os fenômenos sociais e as experiências das pessoas, tendo em vista que trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (Minayo, 2016), em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais.

Como método utilizaremos a Etnometodologia, porém, ao adotá-la não pretendemos seguir todos os seus direcionamentos e imposições, mas sim um dos seus principais elementos: a necessidade de considerar o contexto social do objeto investigado.

De acordo com Chizzotti (2000), a Etnometodologia investiga as atividades práticas e triviais dos atores sociais para compreender os sentidos que atribuem aos fatos e acontecimentos do seu cotidiano. Inspirada na perspectiva fenomenológica (Gil, 2008), a Etnometodologia surgiu em meados da década de 1950, nos Estados Unidos, com o sociólogo Harold Garfinkel, que criou o termo quando trabalhava com ficheiros referentes a estudos transculturais que continham palavras como etnobotânica, etnofísica, etnomúsica e etnoastronomia (Bogdan; Biklen, 1994). Harold Garfinkel apresentou a Etnometodologia à literatura científica nos anos 1960, com a publicação da obra “*Studies in Ethnomethodology*”, que logo se tornou um clássico ao trazer uma ruptura radical com modos de pensamento da sociologia tradicional.

Harold Garfinkel (2018) argumenta que as pessoas são capazes de interpretar e dar sentido às suas ações por meio da utilização de um conjunto de práticas e conhecimentos que são compartilhados dentro de um contexto social específico. Desse modo, o contexto pode ter influências significativas na maneira como as pessoas interpretam e respondem às situações em que se encontram. Assim sendo, ao considerar o contexto, a Etnometodologia propicia a compreensão mais completa e precisa das práticas sociais. Nesses termos, ao adotá-la, não podemos investigar a Luta Marajoara como um fenômeno isolado, mas como uma prática inserida dentro de um contexto específico.

Para a reunião dos dados, optamos pela observação participante, pois esta permite reunir uma ampla gama de dados das dinâmicas do lócus investigado, que surgem do envolvimento do pesquisador na comunidade ou grupo que investiga. Conseguimos, assim, não somente registrar o que foi observado sobre a Luta Marajoara, os lutadores e a festa, mas muitas vezes tocar, sentir e viver o lócus.

Outro instrumento utilizado para reunião de dados foi a entrevista do tipo semiestruturada, uma técnica que se aplica a partir de um roteiro pré-estabelecido e, durante a

sua aplicação, o entrevistador tem a possibilidade de formular outras perguntas, conforme as respostas do entrevistado e o contexto (Marcondes; Teixeira; Oliveira, 2010).

Os entrevistados são lutadores de Cachoeira do Arari, município situado no centro da microrregião dos campos da Ilha de Marajó, à margem do rio Arari, divisa com os municípios de Chaves, Soure, Salvaterra, Ponta de Pedras e Santa Cruz do Arari, e com uma população estimada em 24.355 pessoas e uma área pertencente ao sistema costeiro-marinho e ao bioma da Amazônia, conforme dados de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para encontrar os lutadores dispostos a nos conceder entrevistas, utilizamos a técnica denominada bola de neve (*snowball*), que ocorre, segundo Vinuto (2014), quando se recorre a informantes-chaves, nomeados como “sementes”, a fim de localizar pessoas com o perfil necessário para a pesquisa. As “sementes”, conforme o autor, ajudam o pesquisador a iniciar os seus contatos e a tatear o grupo a ser investigado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes forneçam novos contatos com as características desejadas e assim sucessivamente. Dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista até o objetivo da pesquisa ser alcançado ou até o quadro da amostragem tornar-se saturado.

É pertinente destacar que para chegar até os lutadores entrevistados foi preciso atravessar o rio, isto é, a pesquisa nos exigiu o deslocamento até o município de Cachoeira do Arari. Durante a viagem, conhecemos o coordenador de um centro de treinamento de Luta Marajoara, que retornava do Rio de Janeiro, onde participou dos Jogos Escolares Brasileiros (JEB's). Ao falarmos da pesquisa, ele prontamente se ofereceu para indicar alguns lutadores, tornando-se assim o primeiro informante-chave, a primeira “semente”. Foi ele que contribuiu para encontrarmos a maioria dos lutadores dispostos a nos conceder entrevistas. No total, tivemos a contribuição de duas “sementes”. É preciso pontuar que alguns lutadores indicados não puderam participar da pesquisa por não se encaixarem nos critérios apresentados a seguir.

Os critérios para participação na pesquisa foram: 1) Ter praticado Luta Marajoara por pelo menos três anos; 2) Ter participado mais de uma vez da festividade de São Sebastião; 3) Residir em Cachoeira do Arari; 4) Ter idade superior a 18 anos. Com esses critérios, conseguimos entrevistar 10 lutadores. Porém, neste artigo serão utilizados trechos de apenas oito entrevistas, cujo nome, idade, tempo de experiência com a Luta Marajoara (LM) e tempo de participação na Festividade do Glorioso São Sebastião (FGSS) dos lutadores, além da data da entrevista, podem ser visualizados no quadro 1.

Quadro 1 - Lutadores entrevistados

Entrevistado	Idade	Experiência com a LM	Participação na FGSS	Data da entrevista
Cláudio	40 anos	luta desde criança	participa há 15 anos	12/01/2023
Ademilton	40 anos	luta há 33 anos	participa desde criança	12/01/2023
César	46 anos	luta há 41 anos	participa há 41 anos	14/01/2023
Mario	27 anos	luta desde criança	participar desde criança	17/01/2023
Augusto	40 anos	luta desde criança	participa desde criança	17/01/2023
Antonio	36 anos	luta há 30 anos	participa há 19 anos	19/01/2023
Elizionete	27 anos	luta desde criança	participa desde criança	19/01/2023
Leidimilsa	36 anos	luta desde criança	participa desde criança	20/01/2023

Fonte: dados da pesquisa.

Consta no quadro 1 que os lutadores entrevistados são de faixa etária diferentes, bem como possuem tempo de experiência com a Luta Marajoara e de participação na festividade que variam. Alguns lembram o ano exato em que começaram a lutar e participar da festa, outros apenas recordam que lutavam e participavam dos festejos desde a infância. Em relação aos nomes, foi dada a oportunidade dos lutadores entrevistados escolherem um pseudônimo para identificá-los na pesquisa e assim alguns fizeram. Porém, outros decidiram ser reconhecidos pelo seu verdadeiro nome. Vale destacar que um dos lutadores optou por incluir o título de “mestre” junto ao nome escolhido, um título atribuído àqueles lutadores mais experientes que além de dominarem muitos saberes relacionados à luta, os ensinam.

Os dados reunidos por meio da observação participante e das entrevistas foram analisados e interpretados em diálogo com a literatura dos campos da educação, festa, cultura e da Luta Marajoara.

Em termos éticos, por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, fez-se necessário submetê-la a um Comitê de Ética na Plataforma Brasil, que a aprovou sob o parecer nº 6.152.403. Da mesma forma, foi preciso considerar alguns outros cuidados éticos, a começar pelo que sugere Marcondes, Teixeira e Oliveira (2010), quando pontuam que os pesquisadores devem sempre informar a cada participante da sua pesquisa os objetivos, a metodologia e a forma de retorno dos resultados, bem como solicitar a assinatura de um indispensável documento: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Assim, com o intuito de obter o consentimento em relação à participação na pesquisa, foi entregue aos lutadores entrevistados o TCLE. Sua aplicação permitiu situá-los sobre os objetivos e os instrumentos utilizados na pesquisa, a explicitação dos possíveis riscos e benefícios decorrentes da sua participação, o caráter voluntário, o sigilo da sua identidade, além da possibilidade de interromper sua participação a qualquer momento.

## **ENSINAR E APRENDER LUTA MARAJOARA NA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO**

A festividade em honra a São Sebastião é um evento anual em Cachoeira do Arari, ocorre no mês de janeiro, estende-se por dez dias e inclui uma extensa programação com atividades culturais e religiosas. Para organizá-la, os devotos do santo trabalham quase o ano inteiro, são meses de dedicação, durante os quais alguns eventos tradicionais de preparação acontecem, como a esmolação do santo, que se inicia nos primeiros meses do ano com saída da igreja de Nossa Senhora da Conceição para outras localidades de Marajó (Boulhosa, 2016), um itinerário que percorre casas, fazendas e retiros da ilha, cuja finalidade é arrecadar donativos para os dias de festa (Pantoja, 2008).

A imagem peregrina é acompanhada por uma comitiva denominada “Comissão de Foliões”, grupo formado por mestre-sala, violeiro, bandeireiro<sup>5</sup> e tamboreiro, que passam meses longe de seus lares, passando pelas mais diversas experiências nos campos de Marajó, seja a pé, montado a cavalo, sob o sol escaldante ou sob chuva torrencial (Boulhosa, 2016). Durante o percurso, o grupo canta folias<sup>6</sup>. Recentemente, a peregrinação tem extrapolado os limites territoriais marajoaras e chegado à capital Belém, na casa de ex-moradores da ilha. Enquanto a peregrinação ocorre, outro prestigioso evento de preparação da festividade também acontece: a festa de corte dos mastros (Andrade; Carvalho, 2024).

Quando os devotos de São Sebastião terminam sua peregrinação insular, buscam logo os caminhos em direção a Cachoeira do Arari, a cidade de onde partiram, para encontrar os mastros já enfeitados na porteira do município. O encontro da imagem do santo com os mastros,

---

<sup>5</sup> Nas festas de São Sebastião, as bandeiras são usadas pelos foliões, sendo uma das funções destes a de bandeireiro (Barros; Pantoja, 2010).

<sup>6</sup> Em Cachoeira do Arari, o termo “folia” está relacionado às músicas tocadas pela comissão de São Sebastião durante a festividade. Essas folias possuem repertórios próprios e são transmitidas de geração a geração e também por meio de oficinas (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018).

além de proporcionar uma atmosfera de fé e devoção, nos convida a celebrar as tradicionais manifestações culturais da região, com destaque para a Luta Marajoara, cuja prática ocorre em um grande círculo de areia que serve principalmente para erguer os mastros. É bem verdade que alguns lutadores-devotos duelam em outros espaços apertados de areia e grama nos quais as atividades da festa, especialmente da “parte profana”, acontecem. Porém, é entre um dos símbolos supremos da religiosidade local, que muitas batalhas acontecem e a Luta Marajoara se torna mais notável, gerando espetáculos de corpos, gestos e técnicas.

Brandão (1989) anuncia a festa como um lugar para cerimonialmente separar o que deve ser esquecido e aquilo que deve ser resgatado, posto em evidência, comemorado e celebrado por causa dos mais diversos motivos. Na Festividade do Glorioso São Sebastião, quem comemora, celebra e põe em evidência a Luta Marajoara são vaqueiros típicos, fazendeiros, pescadores, ribeirinhos, agricultores, funcionários públicos, comerciantes, enfim, pessoas com diferentes profissões e de classes sociais variadas, o que ocorre porque a festa é um momento de inversão dos papéis sociais, em que as normas e hierarquias sociais podem ser temporariamente suspensas ou invertidas, permitindo que as pessoas experimentem novos papéis e relações (Martins, 2002), inversão fundamental para a renovação da ordem social, tendo em vista que “remodelar o padrão das relações sociais é reordenar as coordenadas do mundo experimentado” (Geertz, 2008, p. 20). Contudo, é pertinente destacar que a Luta Marajoara não costuma ser lazer da elite, mas sim entretenimento do povo. É o povo que se suja na areia da festa e que aguarda ansiosamente o ano inteiro para lutar nesse espaço de fé e devoção. A Luta Marajoara é, assim, uma prática corporal vivenciada tradicionalmente por pessoas de classes sociais menos favorecidas.

No amplo círculo de areia, cada luta é um mundo em si, pois enquanto muitos lutam sujos de amido de milho<sup>7</sup>, outros lutam bêbados de leite de onça<sup>8</sup>, com suas roupas confeccionadas especialmente para a festa<sup>9</sup> ou sem camisa e descalços, mulheres lutam com homens, crianças lutam com adultos, velhos com jovens, lutadores experientes lutam com iniciantes, assim como lutadores de diferentes municípios também se enfrentam.

Em nossas observações, percebemos que a festa possibilita sociabilidade entre os lutadores das diferentes comunidades da ilha. Lutadores oriundos de Soure, Salvaterra, Santa

---

<sup>7</sup> Nos festejos cachoeirenses de São Sebastião, é costume se sujar e sujar o outro com amido de milho.

<sup>8</sup> Bebida de preparo caseiro, típica desse período de festa, fervida com álcool etílico, leite de búfala e açúcar, com variações que incluem cachaça, chocolate e frutas.

<sup>9</sup> Muitos devotos confeccionam roupas especiais para esse período de festa, sendo estas estampadas com cores, frases e imagens associadas ao santo.

Cruz do Arari, Muaná e Ponta de Pedras, não raramente encontram-se na festa com o intuito principal de enfrentar seus antigos rivais. A festa convoca as pessoas não só a virem ver a Luta Marajoara, como é o caso do turista, mas verem a si mesmos fazendo sua parte na celebração desta luta tradicional. É o momento oportuno para compartilhar os saberes que a permeiam, construídos e reconstruídos por essas diferentes comunidades de lutadores.

Na festa, observamos ainda lutadores experientes ensinando pessoas com pouca ou nenhuma experiência com a Luta Marajoara, como é o caso das crianças, que geralmente são incentivadas por seus familiares a lutar com outras crianças ou junto a eles. A maioria dos lutadores entrevistados nesta pesquisa aprendeu a lutar assim, na infância, por incentivo de seus familiares, como destaca Mario (17/01/2023): “Na verdade, a Luta Marajoara a gente traz de berço. Desde criança, já vamos aprendendo”.

Assim sendo, da mesma forma que acontece no contexto de outras festas populares, inclusive realizadas no contexto da Amazônia, a criança não somente participa, como também aprende, uma aprendizagem que poder ser desenvolvida “por meio da escuta, do fazer, do compartilhar com o outro e pela própria vivência no grupo” (Silva; Carvalho, 2017, p. 590). Reconhece-se, assim, a capacidade da criança de aprender a partir de uma luta e no contexto de uma festa, mas não somente. Outras “escolas do povo” em que a prática da Luta Marajoara se manifesta também proporcionam aprendizagem na infância marajoara, como é o caso das fazendas da região (Andrade; Carvalho, 2025).

Para além do âmbito dos festejos de São Sebastião, em Cachoeira do Arari a Luta Marajoara também permeia a vida do povo em contextos socioculturais e naturais diversos. Na beira do imenso rio Arari e nas demais paisagens de areia e grama do município, por exemplo, encontra sua arena natural e diverte os cachoeirenses em geral. Em centros de treinamento, quando a sua vertente esportiva se sobressai, incentiva a competição e proporciona amizade entre crianças, jovens e adultos. Em fazendas da região, sua prática está ainda associada ao entretenimento de vaqueiros em seu momento de ócio.

Tais contextos podem ser considerados de grande potencial para a aprendizagem da Luta Marajoara, considerando que entre os lutadores entrevistados muitos destacaram as fazendas cachoeirenses como espaços significativos para aprender esta luta corporal durante a infância, um processo que geralmente ocorre sob a intermediação de familiares, como pais,

avôs, tios, primos e irmãos mais velhos: “(A Luta Marajoara) vem passando de geração em geração, de tios, avôs, entendeu?” (Mario, 17/01/2023).

Eu comecei a praticar com sete anos de idade. Quando a gente mora na fazenda, começa a praticar bem cedo. Eu nasci numa fazenda e, de lá, a gente ia visitar outras fazendas onde havia garotos da nossa idade. Com o incentivo dos nossos pais e dos irmãos mais velhos, a gente praticava a Luta Marajoara. (Ademilton, 12/01/2023)

A gente começa a aprender a lutar desde criança, porque é uma cultura dos pais. O meu pai bebia com outros vaqueiros e era aquela coisa de mandar os filhos lutarem para eles se divertirem, a ideia era essa. Então a gente lutava enquanto eles ficavam achando graça. A gente chorava e voltava para lutar, porque eles diziam que perder era normal. (Mestre César, 14/01/2023)

Eu luto desde criança. Eu comecei a lutar durante as férias, as aulas paravam e todo mundo ia para a fazenda. Lá na Fazenda do Fogo é muito grande, tem várias fazendas ao redor, então dava muita criança, muito adolescente. Lá a gente começou essa vida de luta. (Augusto, 17/01/2023)

Os relatos dos lutadores permitem ressaltar aquilo que nos diz Brandão (2007, p. 9), quando alega que não existe “uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”. A escola, por sinal, pouco tem contribuído para o ensino e aprendizagem da Luta Marajoara. Mesmo sendo uma prática secular, conforme sugere Salles (2004), o processo de escolarização desta modalidade de luta é recente. Seus saberes, até pouco tempo atrás, eram negados e marginalizados no âmbito das escolas básicas, até mesmo daquelas situadas nos limites territoriais da Ilha de Marajó, conforme constatado por Santos e Freitas (2018). Uma realidade de esquecimento que tem sido superada em razão do aumento de sua popularidade, principalmente em razão da aparição de lutadores de Artes Marciais Mistas (MMA), nascidos na Ilha do Marajó, no *Ultimate Fighting Championship* (UFC), pela sua menção na Base Nacional Comum Curricular (Santos *et al.*, 2024) e, notadamente, pela crescente produção do conhecimento em torno de sua prática.

Com base no relato dos lutadores, é ainda possível reafirmar a participação das crianças nas trocas de saberes da Luta Marajoara, e que as fazendas podem ser consideradas espaços consagrados e históricos de ensino e aprendizagem da Luta Marajoara em Cachoeira do Arari. Uma arena de combates que contribuiu na formação da atual geração de lutadores, que em sua maioria não reside mais nas fazendas, como viviam durante a infância, mas em centros urbanos, um êxodo rural que, provavelmente, resulta do interesse por uma educação escolar (Fares,

2017). Contudo, são lutadores que não deixaram sua herança de luta de lado: “Quando eu vim da fazenda pra cá (para o centro urbano de Cachoeira do Arari) eu já sabia o que era a Luta Marajoara, aí, como agora eu moro aqui, eu continuei” (Cláudio, 12/01/2023). Pelo contrário, continuam a praticá-la e repassá-la a outras gerações: “faz parte da minha cultura, eu adoro. Eu passo para os meus amigos, para os meus familiares. Eu acabo ensinando um pouco da cultura que está no meu sangue” (Leidimilsa, 20/01/2023), não sendo o caso daqueles lutadores que mudaram de religião, tendo em vista que estes não incentivam seus filhos a participarem da festa, tampouco a lutarem nesse contexto festivo-religioso, o que representa uma ruptura com a tradição dos seus familiares, contrariando a expectativa de preservação.

Com efeito, ainda é possível sugerir a partir dos relatos que o processo de ensino e aprendizagem da Luta Marajoara não ocorre somente em um momento da vida ou em um único ambiente. Trata-se de um processo contínuo e vinculado as distintas circunstâncias em que esta luta corporal se manifesta, posto que, como bem nos lembra Brandão (2007, p. 17) “tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de troca entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo e a consciência”. Os lutadores admitem que os festejos de São Sebastião representam bem um desses espaços:

Aí o que acontece? Tu vens crescendo, tu vens vivendo esse mundo ali, de luta, cavalo, fazenda, então esse é teu mundo. A partir daí a gente começa a crescer, aí tu já começa a pegar 12, 13 anos, aí sim tu já começa a praticar dentro da festa, porque tu já começa a frequentar a festa de São Sebastião. Então a partir desse mundo eu comecei a lutar na festividade. Na festa, tu vê meninos de 12 anos lutando e lutando de verdade. (Mestre César, 14/01/2023)

Olha, é desde moleque, desde criança. Quando a gente ia para a fazenda, nossos tios colocavam a gente para lutar, entendeu? E aqui (em Cachoeira do Arari) como tem o cortejo (dos mastros na festividade), a criança, o adulto, todo mundo luta na rua. Eu sempre pratiquei a luta na fazenda e no cortejo da festividade, nos dias 10 e 20 de janeiro. (Augusto, 17/01/2023)

Olha, eu acho que desde quando eu me conheço por gente, porque meu pai e minha mãe sempre praticaram isso. Depois, quando a gente fica maior, sempre a gente ‘tomba’ aqui na festa de São Sebastião, dia 10, a gente gosta. Aliás, o povo daqui gosta, o povo de fora também. Era uma brincadeira dos antigos, o pessoal antigo fazia essa brincadeira e a gente ia lutar com as crianças, irmão contra irmão, era assim. A gente lutava só com o irmão mesmo, em casa, brincava, aquilo lá e pronto. (Elizionete, 20/01/2023)

O trânsito de lutadores vaqueiros junto aos seus familiares da fazenda para a festividade, vale destacar, revela-se comum não somente em razão da popularidade desta, mas pela necessidade que essas pessoas têm de agradecer ao santo por ter protegido o gado da peste, do roubo e da morte (Barros; Pantoja, 2010).

Tendo por base o relato dos lutadores entrevistados e a concepção de educação de Brandão (2007), podemos dizer que o contexto da festa de São Sebastião e o das fazendas de Cachoeira do Arari são espaços notáveis para ensinar e aprender os saberes da Luta Marajoara. São “escolas” em que o saber-observar, o saber-escutar e o saber-imitar são fundamentais para aprendê-la, e boa parte do ensino acontece de maneira coletiva: “Meu pai praticava a ‘agarrada’. A gente via ele lutar. Então eu aprendi vendo e venho lutando desde então” (Antonio, 19/01/2023); “Só de ver alguém (lutando) a gente já sabe” (Ademilton, 12/01/2023); “Os meus pais lutavam, meus avós, meus tios. A gente vai vendo, vai aprendendo” (Mario, 17/01/2023).

Como pode ser visto nas narrativas dos lutadores entrevistados, a Luta Marajoara é aprendida por meio do ato de lutar em si, mediante a observação e imitação dos movimentos dos lutadores mais experientes, uma experiência que Brandão (2007) denomina de “situações de aprendizagem”, nas quais a pessoa vê, entende, imita e aprende, um processo educativo não muito diferente daqueles que observamos no contexto escolar, uma vez que se dá, em consonância com Grando (2005, p. 167), “de forma consciente e por transmissão simples, são os mais velhos que procuram instruir cada pessoa sobretudo o que fazem, sabem ou crêem”. Assim sendo, quase tudo que se aprende é para saber e preservar os saberes e os valores do mundo dos “mais velhos”, dos antepassados.

Esta forma de aprender a Luta Marajoara é o que Ingold (2010) defende como “educação da atenção”, um tipo de aprendizagem que ocorre a partir da cópia das atividades, não no sentido de transcrição automática de um conteúdo mental de uma cabeça para outra, mas sim de seguir o que as outras pessoas fazem. Envolve um misto de imitação e improvisação, tendo em vista que “copiar é imitativo, na medida em que ocorre sob orientação” (Ingold, 2010, p. 21). De acordo com esse teórico, a educação da atenção não é um processo de transmissão de informação, mas de redescobrimto dirigido. Nesse processo, o aprendizado ocorre mais precisamente pela noção de “mostrar”, isto é, ocorre quando uma pessoa mais experiente (tutor) mostra alguma coisa à outra pessoa (iniciante), para que ela possa olhar, ouvir ou sentir e, assim, aprender sobre aquela coisa:

O processo de aprendizado por redescobrimto dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de *mostrar*. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo. Aqui, o papel do tutor é criar situações nas quais o iniciante é instruído a cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para poder assim ‘pegar o jeito’ da coisa. Aprender, neste sentido, é equivalente a uma ‘educação da atenção’. (Ingold, 2010, p. 21)

Esta forma de educação parece desempenhar um papel significativo para a Luta Marajoara, pois contribui para perpassá-la de uma geração para a outra, um processo que auxilia na sua (re)construção, ampliando e aprimorando os seus saberes, isso porque a “educação da atenção” não ocorre apenas por meio da enculturação, isto é, da assimilação das representações culturais de uma geração anterior, mas sim por meio de um processo de habilitação, que implica em capacitar e desenvolver habilidades por parte da nova geração, permitindo que alcancem e ultrapassem a sabedoria da geração anterior:

É através de um processo de habilitação (*enskilment*), não de enculturação, que cada geração alcança e ultrapassa a sabedoria de suas predecessoras. Isto me leva a concluir que, no crescimento do conhecimento humano, a contribuição que cada geração dá à seguinte não é um suprimto acumulado de representações, mas uma educação da atenção. (Ingold, 2010, p. 7)

Nesse sentido, a Luta Marajoara, por meio de uma “educação da atenção”, tem sido lapidada, ressignificada e reconstruída a partir de cada geração de lutadores que a pratica e a praticou. Se hoje tem sido induzida a um processo de esportivização, isso decorre dos interesses da nova geração de lutadores. Na presente pesquisa, conseguimos observar, no contexto da festividade de São Sebastião, nitidamente os saberes da Luta Marajoara sendo repassados, imitados e recriados, envolvendo gerações e despertando orgulho nos marajoaras. Essa experiência tem garantido um reconhecimento cada vez maior para esta luta corporal tradicional e permitido que seja considerada um importante símbolo representativo do povo que vive em uma região com limites territoriais banhados por rios: a Ilha de Marajó, um lugar reconhecido por alguns como o coração da Amazônia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu da seguinte questão: como ocorre o processo de ensino e aprendizagem da Luta Marajoara no contexto da Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari? Acreditamos, com base nos resultados, que a resposta para esta pergunta está na constatação de que esse processo não ocorre somente em um momento da vida dos lutadores ou em um único contexto, como os festejos de São Sebastião. Ao contrário, trata-se de um processo contínuo, que se constrói nos diferentes espaços em que essa luta corporal se manifesta. Nesses lugares diversos, que incluem a festa, a Luta Marajoara é aprendida e ensinada por meio da observação, imitação e de um saber-escutar. Acontece então a partir de uma “educação da atenção”, um processo que ocorre quando um lutador experiente mostra um saber da luta ao lutador iniciante para que ele possa olhar, ouvir, imitar e, assim, aprender. Importa destacar que nessa forma de educação o aprender a lutar vai além da simples assimilação de saberes estabelecidos, pois trata-se de um processo dinâmico de adaptação e criação, no qual cada geração de lutadores incorpora e reinventa os saberes transmitidos.

Ressaltamos que quem participa da Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari, além da possibilidade de aprender os saberes da Luta Marajoara, pode ainda aprender (e também ensinar) outros saberes da/na festa, como aqueles relacionados às folias, ladainhas e ao que fazer para agradar e homenagear o santo; aos saberes referentes ao preparo e ao consumo das comidas e bebidas típicas da festa e diversos outros saberes que provavelmente apareceriam caso tivéssemos pesquisado o assunto mais a fundo.

No caso dos saberes da Luta Marajoara, estes estão associados essencialmente às técnicas corporais que os marajoaras herdaram de seus antepassados, tais como: pés-casados, boi-vaca, calçada e recalçada. Técnicas que precisam ser abordadas de forma central em outras pesquisas, pois podem permitir, compreender, dentre outras questões, como ocorre o processo de ensino e aprendizagem desta modalidade de luta legitimamente brasileira em outros contextos de educação da grande Ilha de Marajó.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cassia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significados do festejar no país que “Não é Sério”. 1998. 387 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>. Acesso em: 29 mar. 2024.

ANDRADE, Welison Alan Gonçalves. **Saberes e diversão, educação e devoção: a Luta Marajoara na Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari**. 2024. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2024. Disponível em: <https://proresp.uepa.br/ppged/18a-turma/>. Acesso em: 4 jan. 2026.

ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; CARVALHO, Nazaré Cristina. Ensino e aprendizagem da Luta Marajoara em Cachoeira do Arari. **Movimento**, [S. l.], v. 31, p. e31024, 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/144980>. Acesso em: 4 jan. 2026.

ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; CARVALHO, Nazaré Cristina. Entre machados, leite de onça e ombros devotos: a Luta Marajoara na festa de corte dos mastros de São Sebastião em Cachoeira do Arari. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 1, Edição Especial, p. 40-50, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/4339/2379>. Acesso em: 01 out. 2024.

BAKER, Patrícia Andréa Godinho; CARVALHO, Nazaré Cristina. Crianças Amazônidas no Círio de Nazaré: culturas e saberes outros. *Revista Cocar*, Belém-PA, v. 14, n. 28, p. 838-855, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3154>. Acesso em: 01 out. 2024.

BARROS, Líliam; PANTOJA, Vanda. **Dossiê das festividades de São Sebastião na mesorregião do Marajó**. Iphan, Belém, 2010. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA\\_S\\_SEBASTI%C3%83O.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_S_SEBASTI%C3%83O.pdf). Acesso em: 29 mar. 2024.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, 1994.

BOULHOSA, Marinete Silva. **Entre a sela e o santo: etnográfico sobre a vida e a lida do vaqueiro marajoara**. Belém: IFPA, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 33. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e folia, festa e romaria**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010.

CAVALCANTI, Bruno Cesar. Novos lugares da festa – tradições e mercado. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 14, p. 10-20, mai. 2013.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983. 236 p.

FARES, Josebel Akel. A épica do vaqueiro marajoara: histórias de vida de Juvêncio Amador e cartografias de saberes no Marajó. In: FARES, Josebel Akel (org.). **Saberes de vaqueiros**. Épica, ancestralidade, ofício. Belém, EDUEPA, 2017. p. 31-52.

FERREIRA, Felipe. Festejando. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 14, p. 51-60, mai. 2013.

GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro- RJ: LTC, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANDO, Beleni Saléte. Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade Bororo em Meruri-MT. **Pensar a prática**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 163-180, 2005.

HENRIQUE, Márcio Couto; LINHARES, Anna Maria Alves. Cerâmica marajoara e Círio de Nazaré: significação e sacralização do patrimônio cultural brasileiro. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 394-420, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/3syxZXtRd77MLkhCfgN7d3P/>. Acesso em: 01 out. 2024.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, [S. l.], v. 33, n. 01, p. 06-25, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/6777>. Acesso em: 01 out. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Saberes, fazeres, gíngas e celebrações: ações para a salvaguarda de bens registrados como patrimônio cultural do Brasil 2002-2018**. Brasília-DF: IPHAN, 2018.

MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de Oliveira. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém, PA: EDUEPA, 2010.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Festa e ritual, conceitos esquecidos nas organizações. **Revista Mal Estar e Subjetividades**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 118-128, 2002. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482002000100009](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482002000100009). Acesso em: 01 out. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PACHECO, Agenor Sarraf. **Em el corazón de la Amazônia: identidades, saberes e religiosidades do regime das águas marajoaras**. 2009. 354 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009. Disponível em:

[https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_SP-1\\_698b0c740bb68bd4275924c866d29552](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_698b0c740bb68bd4275924c866d29552). Acesso em: 01 out. 2024.

PANTOJA, Vanda. As festas de santo no Marajó. In: LIMA, Maria Dorotéa de; PANTOJA, Vanda. **Marajó: culturas e paisagens**. Belém: SR/IPHAN, 2008. p. 28-43.

PARÁ. **PL nº 6/2021**. Declara como integrante do Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial a manifestação sociocultural e desportiva conhecida como “LUTA MARAJOARA”, do Arquipélago do Marajó, no âmbito do Estado do Pará, e dá outras providências. Assembleia Legislativa do Estado do Pará, Pará, 2021. Disponível em: <https://downloads.alpara.com.br/Projeto/10655.PDF>. Acesso em: 22 mai. 2022.

RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Vozes, 1982.

SALLES, Vicente. **O negro na formação da sociedade paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004. 250 p.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Combat itineraries of the Paraense Federation of Marajoara wrestling. **Journal of Physical Education**, [S. l.], v. 34, n. 1, p. e-3415, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/65143>. Acesso em: 01 out. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 57-67, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/19262>. Acesso em: 01 out. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; FREITAS, Rogério Gonçalves de; FURTADO, Renan Santos; ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; CARDIAS-GOMES, Fábio José. Por uma comunidade epistêmica da Luta Marajoara. **Conexões**, Campinas, v. 22, p. e024035-e024035, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8677316>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SILVA, Dilma Oliveira da; CARVALHO, Nazaré Cristina. Crianças que dançam, crianças que louvam: Saberes e processos educativos presentes na Marujada de Tracuateua/PA. **Revista Cocar**, Belém-PA, v. 11, n. 22, p. 566-594, 2017.

SILVA, Dilma Oliveira da; CARVALHO, Nazaré Cristina. Narrativas de crianças sobre o saber/fazer em festas amazônicas: o caso da Marujada de São Benedito e São Sebastião em Tracuateua/PA. **Nova Revista Amazônica**, [S. l.], v. 9, n. 01, p. 83-99, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/10031/6982>. Acesso em: 01 out. 2024.

TEDESCO, João Carlos; ROSSETTO, Valter. **Festas e saberes**: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 01 out. 2024.

Submissão em: 30/03/2025  
Aprovação em: 20/08/2025